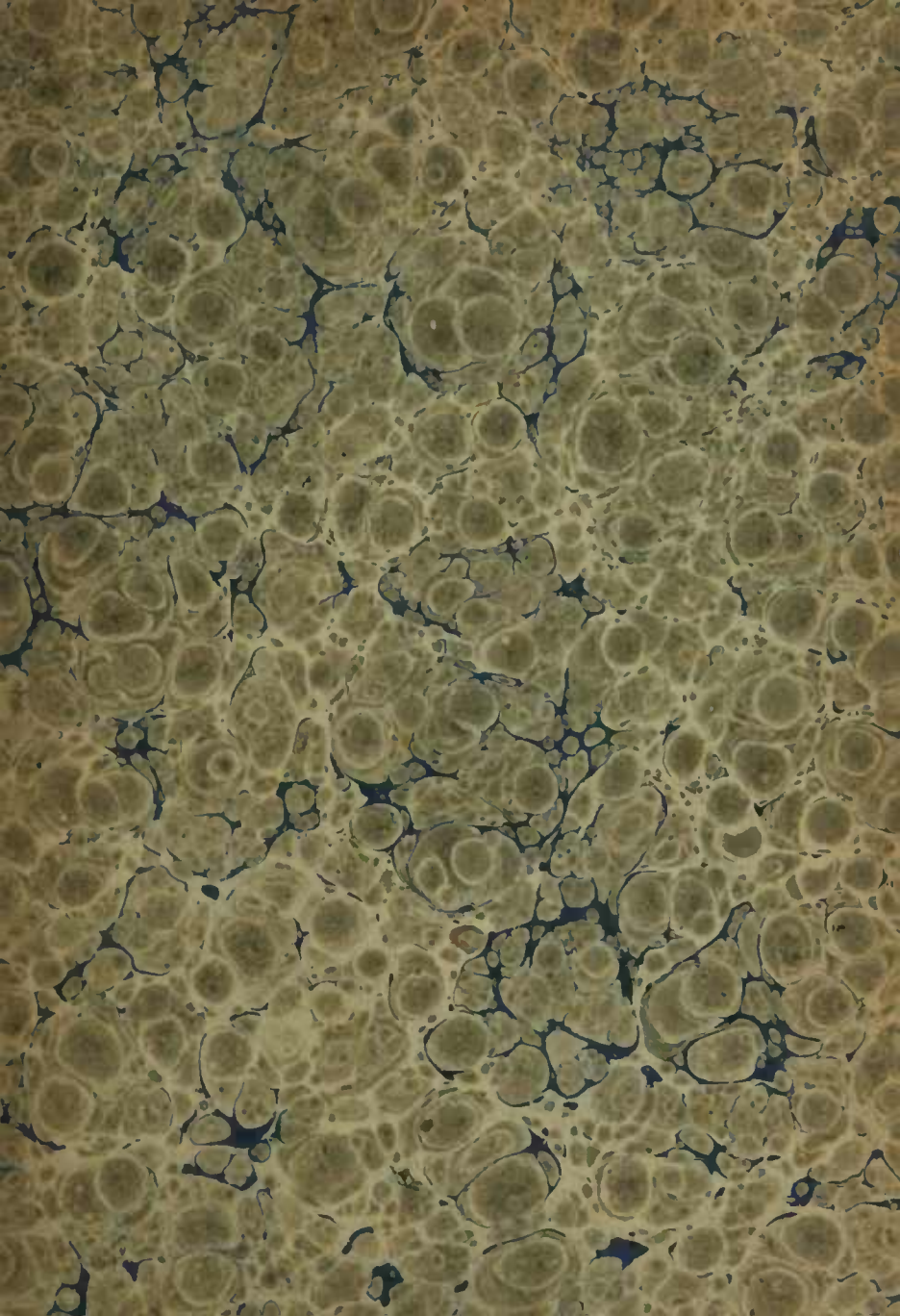


Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin



200,-  
350,- (enc.) 2/61  
550,-





C-30  
O CAFÉ

E O

ESTADO DE S. PAULO

POR

Augusto G. da Silva Telles

ENGENHEIRO CIVIL



SÃO PAULO  
TYPOGRAPHIA DO «DIÁRIO OFFICIAL»  
1900





## O CAFE

### 1

O commercio do café tem passado por transformações sensiveis e perfeitamente naturaes, á medida que o seu uso se propaga, tendentes a estimular e desenvolver o consumo:

Phenomeno identico se observa em relação aos demais productos industriaes, desde que se vão tornando artigos necessarios. Uma vez acceitos, acham-se todos, productores e consumidores, empenhados nos meios de os aperfeçoar sempre, já dando-lhes apparencia mais seductora e apurando as qualidades que os reçoemendam, já facilitando por todas as fórmas sua acquisição, garantindo tanto quanto possivel a perfeita conservação, em summa empenhados todos no augmento do consumo e no augmento da producção, movimento este que só persistirá quando animado pelo aperfeçoamento do preparo e commodidade na acquisição.

O café constitue a principal força do nosso commercio, o elemento de que depende o Brasil para viver e prosperar, para livrar-se dos grandes embaraços em que se acham suas finanças.

A crise da lavoura do café é uma calamidade nacional; desvalorizado o producto, soffre o lavra-

dor o primeiro choque, vindo minguar a sua receita; recente-se logo o commercio pela falta de transacções e ainda pela difficuldade das liquidacões; a renda publica vê-se desfalcada; os encargos da nação avolumam-se pela depressão da taxa cambial.

Nenhum problema se impõe com tanta eloquencia a uma solução.

A cifra a que sobe a exportação deste genero pelos diferentes portos do Brazil revela por si, sem commentarios, a magnitude do assumpto; do café tiramos a principal renda que alimenta a despesa publica, no café vae haurir o commercio todo a seiva de sua vitalidade.

A grande massa de nossa exportação mostra á evidencia que o café entra já na categoria dos generos de primeira necessidade.

Já exportamos para mais de 600.000.000 de kilôs de café por anno e comportam nossas terras producção incomparavelmente maior.

Reconhecidas as qualidades preciosas deste producto, suas propriedades organolepticas e physiologicas, é natural a tendencia para o augmento do consumo.

Ante estes elementos, apresenta-se a circumstancia de que grande parte dos povos europeus ou se abstêm ainda, ou apenas usam do café excepcionalmente; mais: — nos paizes em que se lhe da apreço, é elle em sua quasi totalidade sophisticatedo; não haverá erro em suppôr que o café importado nos paizes consumidores representa apenas 60% do café consumido. Para este resultado concorrem muito naturalmente os elevados direitos aduaneiros de entrada, o sem numero de interme-

diarios por cujas mãos vae estacionando o café, desde a fazenda até a despensa do consumidor; neste percurso desenvolve-se com mais ou menos escrupulo: a sagacidade commercial, a natural especulação, que chega por vezes a engendrar grandes crises, o imperio de poderosos syndicatos que estabelecem, por meros artificios, as baixas e as altas que tudo perturbam e em nada vêm melhorar as condições da venda a retalho.

Quando no Brasil se reflectir sériamente sobre estas circumstancias, vêr-se á o grande campo ainda a explorar, a immensa obra a realisar no sentido de abrir novos mercados clientes nossos, de dar expansão ao consumo onde já é apreciado o café, não só reduzindo o custo no varejo, como offerecendo genero puro com todas as suas preciosas qualidades.

Eis a questão em toda a sua simplicidade.

O problema é, entretanto, vasto e offerece superficie para todas as actividades.

As differentes faces que apresenta este assumpto magno para o Brasil, estão a pedir uma intervenção cheia de empenho e de patriotismo por parte de todos.

O governo poderá, mediante razoaveis convenios commerciaes, conseguir a diminuição dos impostos de entrada sobre o café nos paizes em que é este taxado; poderá interessar-se pela lavoura, promovendo os meios de um ensino agricola pratico e efficaz, creando premios em comicios agricolas, capazes de estimular essa classe nos progressos a adoptar, introduzindo processos que vençam a rotina, chegando methodicamente a produzir—*mais, melhor e mais barato.*

Tome o Governo a si esta missão com verdadeiro empenho e terá prestado assignalado serviço ao paiz.

Não cremos absolutamente na efficacia real do systema de auxilios por emprestimos mais ou menos vantajosos. Nada de solido construiu esta pratica; vantagem ephemera no geral e ainda com o grave perigo da má distribuição do ambicionado favor. O Governo tem consigo meios dos mais preciosos para auxiliar e encaminhar o movimento, conservando-se na alta esphera da administração.

Uma vez dado o impulso no bom caminho, virá a industria em auxilio com o seu grande poder. aprimorando o producto por todas as fórmãs, tornando-o mais apreciado, provocando, em summa, a expansão de seu consumo.

O interesse com que fôr dirigido o salutar movimento modificará tambem o actual systema do commercio, que não póde perdurar. O artificio deve ceder logar ao que é natural.

Já são sensiveis os symptomas de uma alteração profunda no organismo commercial até aqui mantido.

→ Nota-se a tendencia no exportador de approximar-se do producer, passando por cima do organo intermediario do movimento — o commissario. Este passo no caminho da simplificação, não será o unico; em breve será o producer que se approximarã do consumidor, tão directamente quanto possivel, supprimindo, por meramente onerosas, muitas das innumeras paradas do genero, dispersivas de proventos que devem reverter em favor do producer e do consumidor — as entidades interessantes na questão.

A iniciativa do exportador, indo ás fazendas comprar o café, só visa um alvo: sugar os lucros attribuidos ao commissario e ainda fazer por este meio o jogo certo da baixa do genero.

Retirando-se para o interior, deixa o mercado sem procura, o que influirá certamente para a baixa; uma vez realisada esta, eis-o forte ante o fazendeiro, ao qual offerecerá preços que acompanharão os do mercado. Resultado de tudo: prejuizo para o productor, nenhuma vantagem para o consumidor. Continúa este a comprar café pelos mesmos preços; as oscillações nas altas regiões não affectam ás camadas que só conhecem o café aos kilos, ás libras, e que foram acostumadas a preços sempre a par das grandes altas. ♣

Bem considerada a situação, vê-se que apenas está dado o primeiro passo na exploração da nossa primeira industria. Tudo, por assim dizer, está por fazer e não ha motivos para desanimo; poucos paizes poderão contar com tão farto elemento de prosperidade e riqueza.

E', porém, preciso que não esperemos tudo do acaso.

Do *Estado de S. Paulo*. 8 de Dezembro de 1899.

## II

Faz-se absolutamente necessario encarar todas as faces do complexo problema e empregar os meios possiveis para resolvel-o cabalmente.

A propaganda que tanto preocupa os espiritos, já foi assumpto que muito apaixonou a opinião e não poucos sacrificios representou.

Porque razão a essa agitação succedeu a maior serenidade de todos que tanto a tomaram a peito? Faltou algum elemento para o exito completo do fim em vista? Foram excessivos os gastos e escassos os recursos? Cessou a propaganda por ter chegado ao resultado ambicionado?

De todas as hypotheses, a ultima é a que não póde ser acceita; repete-se á saciedade que o nosso café não é conhecido e a isso devemos a sua má cotação, figurando como brasileiro sómente genero de ultima qualidade.

Ora, não é possivel negar os grandes milagres operados por uma propaganda, quando feita com methodo, com persistencia.

A não ser levada com todos os elementos de exito, melhor será nada tentar; será contraprodcente fazer uma investida para recuar logo depois; daria isso azo á campanha de descredito de que nos queixamos; seria gastar forças em pura perda, sacrificar grandes sommas sem proveito algum: a

situação não permite o desperdício de um só esforço bem intencionado, de um capital, pequeno que seja.

A idéa que ora agita a opinião com certo calor não é nova entre nós. As causas que originam o movimento actual são em tudo identicas ás que levaram o Centro da Lavoura a empregar uma propaganda por meio de exposições no Rio de Janeiro e depois indo á Europa, onde não é justo esquecer os serviços de Ramalho Ortigão, Eduardo Lemos e seus collaboradores.

O phenomeno reproduz-se por modo identico.

E' preciso não arriscar sacrificios, cujos resultados não sejam apreciados por quem os faz. Será lamentavel se de tudo sómente se apurar o dispendio de algumas centenas de contos de réis em viagens, gastos de representação, etc., terminando por um bello relatorio de coisas sabidas e voltando a situação do café ao ponto inicial...

A propaganda deveria começar, desde logo, sua acção dentro do paiz.

Grande parte de nossa população não faz uso do café. Nos centros em que se consome este genero, é elle em sua generalidade vendido já torrefeito e moído, o que dá todas as facilidades á falsificação, não se exercendo sobre este commercio a minima fiscalisação.

O caso commum é o de comprar o consumidor, por preço correspondente a café superior, um producto de ultima qualidade, não raro—café escolha—e ainda quasi geralmente sophisticatedo pela addição de milho, feijão ou outro qualquer elemento que offereça apparencia enganadora.

Mesmo dentro do paiz temos um inimigo a as-

saltar a bolsa e a saúde do consumidor e o interesse do productor.

É positivo que, com a base de 9\$000 por arroba, ou 600 réis por kilo, para o café bom—typo 7—no Rio de Janeiro se vendia café escolha torrado e moido, de mistura com milho, etc., ao preço de 1\$400 o kilo.

Ora,—o Rio de Janeiro só—consome 120.000 saccas de café por anno.

Digamos que este representa 60% do café ali consumido, temos razões para suppôr que a falsificação é mais ousada—neste caso, já o consumo eleva-se a 200.000 saccas, ou 800.000 arrobas.

Só ali um prejuizo para o lavrador que sobe ao valor de 80.000 saccas ou 320.000 arrobas.

Em S. Paulo, guardada a proporção das populações, teremos um prejuizo para a lavoura, que corresponde proximamente a 17.200 saccas ou 68.800 arrobas.

As duas cidades citadas já elevam a cifra a 97.200 saccas, ou 388.800 arrobas, que ao preço de hoje representa uma somma media de 4.600:000\$000.

4.600:000\$000 por anno de prejuizo para a lavoura e pagos pelo consumidor em beneficio da fraude ! Isto, só tractando-se do Rio de Janeiro e S. Paulo ; a quanto não subirá no paiz todo ?

Este caso é frisante e está a pedir uma intervenção, aliás facil de exercer.

A adminisiração tem em suas mãos os meios de cohibir os abusos da falsificação. A analyse é facil de fazer ; o simples exame microscopico revela a fraude. Esta intervenção da auctoridade se faz indispensavel.

A propaganda deveria, repetimos, começar a



sua acção desde já, combatendo dentro do paiz a intoleravel ganancia, que de perto affecta a saúde publica e fêre por modo iniquo os interesses da lavoura.

No estrangeiro, antes de pensarmos em abrir novos mercados para o nosso café, parece que mais pratico seria dirigir os esforços no sentido de expandir o consumo nos centros em que já é este artigo apreciado.

Quem conhece um pouco o modo por que se expõe na Europa o café á venda no retalho, não pôde pôr em duvida que o consumo augmentaria sensivelmente desde que se conseguisse mostrar de modo irrecusavel a superioridade de um café puro e bem preparado sobre as *beberagens* que em geral são ingeridas sob o nome de café ; augmentaria o consumo se o preço fôsse mais accessivel ás classes menos abastadas ; a estas, que são a grande massa, é que mais aproveita o uso do café, provado como está, que a sua acção physiologica é a da economia das forças phisicas—contribuindo para a maior producção do trabalho com o menor gasto de alimento.

Melhor qualidade do producto, diminuição do seu custo no retalho—eis os dois pontos principaes que exigem todo o empenho no serviço de propaganda.

A vulgarisação do café nos centros em que já é bem ou mal conhecido, seria por si capaz de triplicar em pouco tempo o consumo do nosso primeiro producto industrial ; seria o caminho mais directo para a creação de novos mercados consumidores.

Para combater a falsificação o meio efficaz é fornecer o café preparado com esmero na torrefa-

ção, moagem e prompto a ser tomado ás chicaras, sem fazer questão de lucros a auferir. Bem guiado o serviço, poderá, entretanto, produzir seus effectos sem prejuizos.

E' sabido que com 25 grammas de café em pó tem-se o necessario para uma chicara ; 1 kilo dará para 40. Nos *cafés e restaurants* de Pariz paga-se por uma chicara de café 50 e 75 centimos; em Londres o preço eleva-se até um schilling ; em Nova-York toma-se um café detestavel e por preço exorbitante.

Forneça-se ao publico café bom e bem confeccionado, á razão de 20 centimos por chicara, isto acompanhado da indispensavel *reclame*.

E' certo que a qualidade e o preço acabarão por attrahir a attenção e não tardará que o artigo se irá impondo á estima do publico.

Este preço corresponderá ao de 8 francos por kilo de café torrefeito e moido, o que poderá com segurança cobrir os gastos.

O governo poderá auxiliar por meios suaves este movimento, que dará os mais beneficos resultados, desde que seja dirigido por pessoa de capacidade completa e verdadeiramente interessada em prestar um grande serviço a seu paiz.

Este trabalho bem executado e persistente não tardará em revelar um movimento ascencional no consumo.

O pequeno sacrificio a principio feito será fartamente recompensado.

Está claro que este serviço comporta um sem numero de detalhes conducentes ao fim em vista ; longo seria descer a enumeral-os ; á capacidade da gerencia superior fica desenvolver todos

os meios que as circumstancias fôrem aconselhando.

O grande objectivo deve ser :

Vulgarisar o café, fazendo conhecer suas qualidades, quando puro e bem preparado ;

Vulgarisar o café, pondo-o ao alcance de todas as bolsas.

Nisto estará o grande remedio para os males de que soffre a lavoura, males que affectam a vida de toda a nação.

E' positivamente certo que os bons lavradores só isto pedem e—mais competentes virão substituir aquelles que só vêm a salvação nos empréstimos bem ou mal contrahidos.

Diga-se o que se quizer, a verdade é que, não obstante tudo, os dias amargos da presente crise vão sendo supportados com firme resignação por grande numero de lavradores, que realmente o são pelo trabalho aturado, pela economia intelligente e pela confiança na exuberancia de suas terras.

Não ha negar que a maioria dos *embaraçados* fórma um corpo que nunca soube guiar sua industria com criterio, muitos porque se fizeram lavradores por méra aventura, outros por acreditarem na inexgotavel cornucopia da riqueza, levando trem de vida fóra de toda medida... O seu desaparecimento é fatal.

Passou o tempo da lavoura que só acredita prosperar quando todos soffrem, que só vê a felicidade atravez do infortunio de todas as outras classes, que rejubila com a annullação do valor da moéda nacional.

O empenho posto nos meios para desenvolver

o consumo do café garantirá o futuro cheio de prosperidade para a lavoura que se apoiar sobre as bases solidas da intelligencia, do trabalho e da economia.

Esta será a lavoura forte e feliz.

A campanha a vencer é ardua, mas simples.

Não ha necessidade de procurar soluções complicadas em emaranhados processos de monopolio contra monopolio, bancos com organizações especialissimas, etc., etc.

Tentar o monopolio será insania, será o descalabro; as instituições de credito virão naturalmente buscar seu interesse, procurando a lavoura e disputando-se por merecer-lhe a confiança e não, como se deseja hoje, sob fórma de casas de penhor a olhar do alto os miseros que a ellas recorrem. Tudo ganharemos em evitar os processos complicados e empregar a pratica simples e clara que em linhas geraes ahi fica exposta. Só assim conquistaremos solidamente o terreno em que se desenvolverá o grande futuro da lavoura cafeeira.

*Do Estado de S. Paulo, 9 de Dezembro de 1899.*

### III

Não se comprehende como é que o Brazil, que contribue com 3/4 da produção total do café, não se tenha preocupado seriamente da sorte do seu primeiro factor de riqueza.

Não se comprehende que nos resignemos, nós que deveríamos dominar esse mercado, a ver reduzido o nosso café a uma massa plastica, a tomar todas as fôrmas, todos os nomes que lhe dão os *grandes artistas*.

Contentamo-nos em produzir ; feito o que, entregamos o misero á sorte de um abandonado sem mais direito de filiação, ao serviço da ganancia.

Os processos a que é submettido o café brasileiro são simples : illudir a boa fé do consumidor, fazendo brilhar um typo qualquer de café, cuja procedencia pouco ou nada tem que ver na questão. Occultando o nome de origem, reduz-se o artigo brasileiro a se entregar por preço de genero sem cotação e, desde logo, recebe o sinete que lhe dá o nome exaltado pela *reclame* : assim naturalizado, é offerecido ao consumidor por alto preço.

Isto explica um dos principaes motivos da grande differença entre o preço nos mercados de nossa exportação e o do consumo no estrangeiro.

A machina está bem montada e não será trabalho de uma semana, nem tarefa para ser levada

a cabo por um esforço isolado—vencer hábitos enraizados, modificar um systema organizado com forças capazes de grande resistencia.

Emprehender a propaganda com elementos frageis de dedicação e de recursos será um novo insuccesso a relatar na historia do commercio do café do Brazil... Para evitar perdas consideraveis, acabará a obra iniciada com tantas esperanças—vendendo-se o café do Brazil como muito genuíno Java, Porto Rico, Ceilão, etc... Será o infeliz producto renegado para achar quem o queira... Voltarão as coisas ao ponto em que se acham, até que nova oportunidade levante outra vez a idéa como unica medida de salvação.

Só se fará alguma coisa de efficaz quando houver empenho verdadeiro no objectivo que serve de bandeira á agitação em torno do café; tudo baqueará, se de leve influir qualquer intuito extranho que se occulte em suas dobras para abrir caminho; será uma mistificação desastrada:—pouco ou nada aproveitaria aos interesses occultos e falsamente rotulados; traria á causa do bem geral o maior dos damnos.

Muito receiamos que a preocupação de interesses politicos não venha a ser parcella consideravel no movimento que se nota em torno do lema—a propaganda do café.

Parallelamente ao trabalho da propaganda do café, urge meditar e esforçar-se no sentido de modificar e transformar o systema seguido no seu commercio.

Precisamos nos empenhar por vencer a passividade a que estamos habituados, o que constitue

pratica inexplicavel e, em todos os sentidos prejudicial e deprimente :

Para comprarmos o que não produzimos, esperamos que nos venham offerecer.

Para vender o que temos, esperamos que nos venham comprar.

Collocamo-nos na condição de constante dependencia.

Dez ou vinte casas exportadoras estrangeiras tem em suas mãos todo o destino de nossa produção agricola ; do jogo de seus interesses depende todo o nosso commercio do café :—resolvem não comprar—e eis tudo paralyzado ; entram no mercado,—raiou a luz—; fóra dellas—o nada.

E' absolutamente necessario seguir rumo novo : —façamos o que fazem todos ; levemos aos centros consumidores o producto de nossa industria ; ahí mostremos o que podemos e sabemos fazer, ; tenhamos a legitima influencia nas condições do mercado e pesemos com o direito de quem representa a quasi totalidade de um artigo já hoje considerado genero de primeira necessidade ; saibamos nos collocar no logar a que temos direito.

E' inexplicavel a apathia e a passividade em que jazemos ; cooperamos, deste modo, para o desapreço em que é tido o nosso café.

São Paulo, como o principal productor de café, tem o maximo interesse na sorte deste genero.

Não lhe póde ser indifferente o que se faz em relação ao seu commercio nem o que se tenta para robustecel-o. Será lamentavel que cruze os braços e deixe correr á revelia a sorte de sna grande industria.

Urge agir para vencer a temerosa crise do

momento e preparar os elementos indispensaveis de um futuro garantidor de seu desenvolvimento industrial.

A maior prudencia deve, entretanto, presidir ao movimento que começa a se accentuar.

Não devemos nos atirar a uma aventura, levados por irreflectido enthusiasmo.

O melindroso deste momento suggere certas apprehensões, quando vemos a questão meramente industrial se entrelaçando com a preocupação da organização de um partido politico — o *partido da lavoura*—, neste intuito se empenhando, quasi que apaixonadamente já, grande numero de descontentes da situação dominante.

Pois ha no Brazil algum partido que não seja da lavoura ?

Que situação já teve na alta administração alguém que procurasse entorpecer a lavoura pelo proposito de fazer-lhe mal? Quando houve já uma administração que não tivesse, occupando as primeiras posições, homens intimamente ligados á lavoura por toda sorte de interessses ?

Em tudo se vê uma preocupação de ordem politica, o que será infalivelmente um perigoso derivativo a enfraquecer e perturbar a acção no seu intuito ostensivo.

Descambamos num terreno escabroso : nos arriscamos a ver como unica resultante : o café, a sua propaganda, os grandes interesses da lavoura... reduzidos a meros pretextos para uma manobra politica conducente a desmontar certas influencias para crear novas ou elevar outras ora decaidas.

Isto seria um desastre !



A feição política que se nota no movimento da lavoura desnatura prejudicialmente tudo quanto se apregõa como impulso meramente patriótico.

Não são raros já os casos de servirem as assembléas de diferentes clubs agricolas de tribuna para expansões exclusivamente partidarias, explorando-se o mal-estar da lavoura ; em breve veremos a propaganda do café degenerando em propaganda politica.

O bom senso dos filhos desta terra deve-se esforçar por encaminhar o movimento numa vereda de intuitos praticos, visando, sem distracções o grande alvo : melhorar as condições da lavoura pela valorisação do seu principal producto, pela expansão do cousumo.

Os interesses transcendentés ligados á sorte do café impõem o rigoroso dever de tractar do assumpto com discreção e firmeza de vistas ; não devemos nos entregar á publicidade espectacular em tôrno de uma idéa que encerra toda a vitalidade deste Estado, diluindo a essencia numa solução de politicagem.

S. Paulo tem o papel mais preponderante a representar na campanha que é preciso emprehen-der ; tome o logar que lhe compete e siga com passo seguro e resolutto. Esforce-se pela propagando do café por todos os meios praticos, tome a si a defeza dos grandes interesses no desonvolvimento de sua industria, promova a indispensavel transformação do commercio de seu café, coucentrando-o em Santos, ahí preparando as grandes partidas para serem negociadas nos mercados consumidores, ante a mais ampla concorrência na procura, organise as bases largas de sua prosperidade futura.

Não lhe faltam elementos para a grande obra : a excepcional força do seu solo—a actividade de seus filhos—o enorme arsenal mecanico accumulado sobre consideravel área de seu territorio—as admiraveis culturas de suas fazendas—a capacidade commercial firmada pela importancia que conquistou a praça de Santos.

O problema do café é essencialmente paulista.

Desde que este producto entrar num regimen regular de escoamento, desde que cessem os factores que o perturbam com artificios e se accentue a normalidade de seu commercio, com um consumo franco, S. Paulo terá a incontestavel supremacia na producção e terá sempre no café a base ampla de sua riqueza. Para este ponto deve convergir toda sua preocupação ; embóra discordem os partidarios da polycultura, o grande escopo desta terra deve ser—O problema do café.

Descurar seria incuria criminosa ; tomar a peito a defeza de interesse tão superior será garantir o mais brilhante futuro.

As considerações que aqui ficam expostas sem a minima pretensão são filhas do interesse que sempre ligou á materia o signatario desas linhas, desde que fez parte da commissão, méramente graciosa, na Europa, em 1881, sob a direcção do eminente dr. Louis Couty, de saudosissima memoria e em companhia do distincto engenheiro dr. Goffredo de Escragnolle Taunay, que tanto se tem occupado destes assumptos.

Não será, talvez, extranha a sua intervenção na attitude tomada pelo sr. Yves Guyot, com quem mantém correspondencia seguida, aconselhando o governo francez a diminuir o imposto sobre o café.

Muito ganharíamos se quizesse o dr. Taunay sahir do seu modesto retraimento e concorrer com seu espirito cultivado e grande senso pratico para o ingente trabalho a realisar.

Está cumprido o dever.

Melhor dirão mais competentes.

Do *Estado de S. Paulo*, 10 de Dezembro de 1899.

---



## O CAFÉ E O ESTADO DE S. PAULO

### I

As grandes crises que se dão nos phenomenos economicos são abalos dolorosos, mas que produzem effeitos salutaes ; choques por vezes violentos, mas que trazem o benefico despertar de forças adormecidas para se applicarem no perenne afan do progresso, robustecendo os elementos da lucta pela vida.

Estas commoções operam sempre transformações profundas ; de ordinario succumbem nas crises os fracos de origem ou os enfraquecidos por causas adventicias ; vencem, porém a tormenta, os organismos fortes e bem constituidos.

Não raro, as crises purificam o meio de muitos principios nocivos e enervantes, e aviventam as faculdades dos capazes.

Das grandes crises germinam as grandes transformações

— Dá-se em 1882 e 1883 uma baixa extraordinaria nos mercados de café.

— Para uns a calamidade foi tomada como a voz da debandada e tudo abandonaram. Maldizendo do café, já então causa de todos os males ;

— Para outros foi o aviso de alerta e :— « *Uma vez que o café dá muito menos, plantemos muito*

*mais*»—tal era a expressão cheia de alento e natural philosophia do genuino lavrador paulista.

A' temerosa crise succedeu notavel augmento de producção, que veio ao mercado, quando já em plena reacção, offerecendo cotações que tanto concorreram para a riqueza de S. Paulo.

Sobrevem o grande abalo com a agitação abolicionista e a necessidade, já inadiavel, de emancipar o elemento servil; os acontecimentos precipitam-se, é votada a lei aurea que brilhou com o sol de 13 de maio!

Não poucos foram os desalentados que consideraram tudo perdido e acabado no Brazil; nem se pôde dizer em quanto peito se não contorceu terrivel odio, mas... passou a lei e quem percorresse esse interior da terra paulista teria ouvido por todos os cantos:—*«Se não ha mais escravos, é preciso plantar muito mais para ter com que manter o braço livre nas nossas lavouras»*.

E as plantações estenderam-se por modo a parecer a muitos estar S. Paulo possuido da insania do café.

Quando nos ultimos dias do captiveiro, ouvia-se dizer no Senado por conspicuo chefe potitico:—*«Vae chegando o momento de pensar nos meios para substituir o braço escravo»* e pedia-se ao parlamento nacional uma verba de 200 ou 300:000\$000, no intuito de promover a immigração para o Brazil, a Assembléa Provincial votava 600:000\$000 detinados a attrahir colonisação para S. Paulo!

Em 1888 a producção total de café no Brasil era 5.000.000 de saccas; deu-se a grande commoção que extinguiu o braço escravo e—dez annos depois, a exportação de S. Paulo, por si só, eleva-se a mais de 6.000.000 de saccas!

A onda que tudo inundaria já a ninguém assusta, vae sendo absorvida em sua passagem...

E' certo que a crise actual despertará todas as atenções e, dirigido o movimento no caminho da vulgarisação do café, abriremos novos e largos horisontes á industria cafeeira.

Não obstante manterem-se as cotações sem variantes sensivelmente animadoras, foi a producção brazileira crescendo progressivamente, sendo muito natural que tivessem influencia para este resultado as excepcionaes altas de 1890 e 1893 em todos os mercados.

Ha vinte annos apenas, a producção do café orçava por :

Producção total.	8.900.000 s/c.
para a qual concorrera :	
O Brazil com	4.700.000 s/c.
e destas :	
S. Paulo com	1.185.000 s/c.

Hoje elevam-se as exportações totaes deste genero, em numero redondo, a :

Producção total	16.000.000 s/c.
para a qual concorre :	
O Brazil com	10.000.000 »
e destas :	
S. Paulo com	6.000.000 »

O Brazil, que em 1879 exportou 3.500.000 saccas de café, foi augmentando a producção gradativamente e o crescimento, tomado por quinquennios, subiu:

No primeiro a .	5.000.000 s/c.
No segundo a	6.000.000 »
No terceiro a	7.000.000 »
No quarto a	11.000.000 »

Em igual periodo, a produção do café nas demais procedencias, manteve-se, por assim dizer, estacionaria :

De 1878 a 1879 ao todo.	4.200.000 s/c.
De 1897 a 1898 ao todo.	4.600.000 »

havendo no intervallo pequenas variantes para mais como para menos do algarismo inicial.

Vê-se daqui que S. Paulo figurava, ha vinte annos, por uma porcentagem bem differente do que se dá hoje, quer em relação á produção total, quer em relação ao café do Brazil.

Quanto á produção total :

Em 1879 concorria com	13,3 ‰
Em 1899 concorre com	37 ‰

Quanto á produção brasileira :

Em 1879 concorria com	25 ‰
Em 1899 concorre com	60 ‰

Ao lêr o que se contém nestes algarismos, em sua eloquente significação, resalta com a exuberancia de uma verdade incontestavel :

1.º A acceitação do café augmenta constantemente e o seu consumo cresce todos os dias. não obstante a organização defeituosa do seu commercio ;

2.º S. Paulo tem sido o grande factor no augmento da produção total.

3.º A observação mostra que a produção extra-S. Paulo se resente de pouco vigor em sua expansão, embóra tanto se falle das extraordinarias plantações do Mexico e da Africa, como concorrente perigoso.

As conclusões a que conduzem os dados posi-



tivos, fornecidos pela estatística, constituem o ensinamento simples e incisivo para o que se deve emprender e levar a effeito.

Compenetrem-se todos do verdadeiro valor deste solo privilegiado, o que lhe dá logar sem competencia possível para a produção de um artigo da primeira necessidade, cujo consumo tende a crescer, por assim dizer, indefinidamente.

Lembrem-se de que a quantidade ainda disponível de nossas melhores terras de cultura é incomparavelmente mais vasta do que a já explorada.

Seja o problema encarado em suas linhas superiores para se chegar á resolução digna da magnitude de seu objectivo.

Não se perca tempo precioso em preocupações com meias medidas, com details, em si baldos de importancia e que, uma vez satisfeitos, nada terão adiantado de real.

➤ De longe vem o habito de considerar que a lavoura precisa de capital e mais capital — a juro modico e praso longo —; para tanto reclama-se do governo todo o genero de medidas. A lavoura, diz-se, merece todas as attensões, tudo lhe é devido; da lavoura vem a riqueza publica; enfraquecida em seus meios de acção, tudo periclita... Mas é claro que ahi não pôde repousar o principio da salvação nem da vitalidade de tal industria; tudo ahi assenta sobre um circulo vicioso: — Si da lavoura vem tudo, da lavoura sairá o que para a mesma se pede. — A resultante ultima desta fórmula de amparar e desenvolver a industria agricola é sem duvida — pesarem os *embaraços* sobre os *equilibrados*.

Grande passo teremos dado quando não mais

se pensar no pratonato official para resolver difficuldades financeiras na industria privada.

As tarifas das estradas de ferro muito preocupam a attenção e não cessamos de ouvir o clamor a pedir reduções proporcionaes á baixa dos preços do café.

Convém medir até onde póde ir a elasticidade de uma reclamação :

As companhias de estradas de ferro poderão dizer, sem que lhes falte razão :

—Se porque baixa o café devemos reduzir tarifas, justo é que sejam as mesmas elevadas com a alta do artigo; lembrou-se a lavoura de propor esta equidade ás companhias ferroviarias? Quererá a lavoura interessar estas empresas na sua boa ou má sorte? Ou quererá sómente ter meios de transporte com movimento de tarifas só para se compadecer dos máos momentos de crise nos mercados?

Mas isso seria a ruina da viação ferrea, instrumento que fomentou o desenvolvimento agricola e sem o qual tudo baqueará.

No dia em que as empresas de estradas de ferro deixarem de distribuir dividendos, revoltar-se-á a lavoura, em grande parte interessada pelos capitães empregados nas mesmas.

A modificação de tarifas de uma estrada de ferro não é materia para ser jogada com a facilidade que geralmente se pensa.

Isso torna-se simples, quando o empresario é a Nação; ahí está como tão summariamente se reduziu a tarifa da estrada de Ferro Central, equiparando o frete do café de S. Paulo ao Rio, ao frete de S. Paulo a Santos. Não se póde argumentar com phenomenos tão surprehendentes.

E' perfeitamente legitimo lutar por tarifas razoaveis, desde que sejam exaggeradas, mas fazer disto a *Delanda Carthago*, considerar que dahi virá a salvação da lavoura, é desperdiçar esforços que se devem dirigir aos grandes meios, aos processos efficazes para melhorar o presente e garantir o futuro.

S. Paulo é o primeiro interessado na sorte do mercado do café, porque é a zona do mundo que maior quantidade produz, porque é a região fadada para supprir a quasi totalidade do café necessario ao consumo, quando atinja este a sua maxima expansão.

A iniciativa desta terra, que tem já operado tão grandes commettimentos não pôde agora esmorecer, justamente agora que uma crise veio despertar dentro e fóra do paiz um movimento de idéas que seria criminoso deixar passar por entre a sua indifferença.

A discussão cheia de interesse e opportunidade sobre as tarifas reciprocas, entre o Brazil e os paizes que têm connosco relações de commercio, offerece o ensejo mais propicio para o inicio de uma propaganda perfeitamente azada e de resultados certos, uma vez bem encaminhada.

Saibamos aproveitar a feliz circumstancia que tem posto a serviço nosso o empenho das primeiras capacidades nos paizes consumidores de café. Não é pesado o sacrificio de saber tirar proveito do movimento que se ostenta pela voz de homens da superioridade de Yves Guvot e outros; vamos ao encontro do que pede o *Comité* de defesa do commercio de Marselha ao governo francez: — que evite a todo o transe a guerra de tarifas com o

Brazil e que reduza os direitos sobre o café tanto quanto possível.

A S. Paulo corre o rigoroso dever de tomar a mais energica iniciativa para encaminhar a salutar agitação em torno de café, até reduzir tanto quanto possível os obices ao desenvolvimento do seu consumo, e que são :

Os pesados direitos de entrada nos paizes consumidores :

O complicado organismo do commercio, conduzindo a despezas que, sem razão, vem onerar o producto.

Por este caminho chegaremos a desenvolver o consumo do precioso artigo. de modo a dar franco escoamento á nossa crescente producção ; será por ahi que chegaremos a formar o verdadeiro mercado do nosso café.

A expressão é verdadeira : não temos hoje ainda o mercado do café que produzimos ; Santos e Rio de Janeiro são méramente os armazens em que o mercado de cafés estrangeiros se vêm supprir da materia prima para suas artificiosas manipulações.

E' chegado o momento de reagir.

São Paulo tem a primazia natural, não será explicavel que se deixe ficar inerte á espera que de estranho esforço lhe venha o beneficio. Organise o seu serviço e dirija-o com escrupuloso empenho : não tardará que as futuras gerações começarão a fruir dos grandes resultados do que se faça hoje em bem do primeiro elemento de nossa prosperidade.

*Do Estado de S. Paulo, 29 de Dezembro de 1899.*

## II

Não é sem interesse que se relê, o substancial trabalho, por iniciativa do governo dos Paizes Baixos, organizado pelo sr. Van Delden Laérne, em sua visita ás nossas zonas agricolas.

Atravessára o Brasil quadra calamitosa com a grande baixa do café, que tão fundo abalou as praças do Rio de Janeiro e de Santos.

Sem conta são os lavradores que terminaram sua exportação com a realidade de um *deficit* desanimador. O preço attingido no mercado não cobria os gastos de transportes, impostos e commissões. Em muitas fazendas foi o café abandonado na arvore ou já nos terreiros.

Periodo de tristissima recordação e, só pelo ensinamento que encerra, vem a proposito lembrar.

O desanimo chegou quasi a dominar e vencer os mais resignados.

Já então começava-se a ouvir longinquo rumor de uma agitação que impellia os espiritos á idéa da emancipação dos escravos. Cheio de incertezas e de inquietações era o futuro.

O sr. Van Delden Laérne assim se exprimia : «... En outre, les chiffres, de l'exactitude desquels je répons, démontrent qu'une extension de cette culture (do café) n'est plus à prévoir, même dans

le cas peu imaginable que les prix du café doubleraient dans un avenir prochain».

O que mais impressionava o illustre observador era a questão do elemento servil, e dizia elle que se o Brazil conseguisse ainda, por uma sábia legislação, manter o escravo fixado ás fazendas, seria possível, talvez, conservar a mesma produção; augmental-a—*nunca mais*.

Tal era a situação em 1885, quando appareceu o minucioso livro, que por certo foi lido e commentado em todos os centros interessados na marcha da produção brasileira.

Quatorze annos passados, não é grande o lapso de tempo, não obstante o abalo da emancipação geral dos escravos realisada de chofre em 1888, embóra sem legislação capaz de fixar o liberto á fazenda, a produção de S. Paulo, por si só, excedeu ao que então media a exportação total do café do Brasil.

De 5.000.000 de saccas que era esta, elevou-se a de S. Paulo, por si só, a 6.000.000.

Previsse o illustre viajante o estupendo phenomeno, e outra seria a orientação do seu livro, bem differente a deducção de seus argumentos. A sua sencieriedade leval-o-ia a dizer que não longe vinha o dia em que S. Paulo deveria exercer influencia preponderante sobre o commercio do café.

Baixasse, por ventura, a produção de S. Paulo ao maximo prophetisado pelo sr. Van Delden Laérne, e teriamos de presenciar uma crise dolorosamente sensivel em todos os paizes, que já hoje têm o café como elemento indispensavel á subsistencia.

A estatistica demonstra que o consumo do café cresce lenta mas continuamente, seguindo uma li-

nha geral ascendente, em tóra com ligeiras alternativas, e evolua-se a producção pelo poderoso contingente de S. Paulo, fadado para fornecer a quasi totalidade do genero.

Se é certo que no café tem S. Paulo a base da sua prosperidade, não parecem ainda fixadas as idéas sobre o meio de amparar a industria das vicissitudes que a entorpecem, nem sobre o que convenha para o seu desenvolvimento.

→ O maior escolho é a incerteza da sorte deste artigo nos grandes mercados, a cuja batuta se movem os de Santos e do Rio, como orchestra submissa e disciplinada.

Em 1874 chegarão as cotações nos mercados estrangeiros a 148 frs. por 50 kilos e dahi se foram precipitando em quedas successivas até tocarem a a 41 frs. em 1883.

Uma differença de mais de 2 frs. em kilo!

Ao consumidor não tocou quinhão algum de beneficio de tão extraordinaria redução do preço nas grandes transacções: o kilo de café continuou a ser comprado no retalho, conforme a qualidade, entre 4 frs. 50 e 6 frs. 20.

Ao productor, quasi mortal foi o golpe.

Por esses tempos, exportava S. Paulo, em média de um quinquennio, 5.410.000 arrobas, ou 81.150.000 kilos de café.

Pequena como era a producção, o prejuizo provocado pela differença na cotação póde, entretanto, ser calculado em 162 300.000 francos, que ao cambio, então por uma média de 19 d., ou 502 réis por franco, representa 81.474:600\$000.

Eis uma somma que foi perdida pelo productor e não deixou de ser paga pelo consumidor.

↳ Nem sempre, porém, essas enormes cifras representam lucros exorbitantes para os intermediários; taes complicações se arriam nas emaranhadas operações, em que a especulação atira-se a toda sorte de probabilidades, que, não raro, perdem todos;

Perde o productor;

Perde o intermediario;

Nada aproveita o consumidor.

Em que se funda a voluvel inconstância das cotações do café?

Temos no Brazil a ingenuidade de acreditar que neste mercado se exerce a lei geral da offerta e da procura, variando o preço com a relação  $p:o$  — crescendo quando diminúe a offerta e vice-versa: na doce illusão, procuram todos os annos os centros commerciaes de Santos e do Rio fazer a estimativa da safra futura. Para que?

Dir-se-ia—pelo prazer das surpresas.

A estatística é farta nos exemplõs que dá:—o nosso mercado sempre a zombar de todos os elementos naturaes conducentes ao preço provavel do genero.

Vejamos:

—Em 1879, a producção total do café foi menor de 400.000 s/c do que em 1878:—  
Baixa nos mercados.

—Em 1883, menos 1.213.000 s/c do que em 1882:—O café chegou ao maximo da baixa, foi a 41 frs.



—Em 1885, menos 1.952.000 s/c do que em 1884: — a cotação minima veio a 4 frs. e a maxima a 18 frs. abaixo das do anno anterior.

—Em 1884, com producção de 11.440.000 s/c o preço subiu a 71 frs.

Em 1891, com 11.858.000 s/c, o preço subiu a 108 frs.

Em 1896, com 12.608.000 s/c (o augmento do consumo deveria cobrir largamente a differença da producção, em relação á de 1884, doze annos antes)—o preço foi ao maximo de 78 frs., tendo caído a 58 frs.

A differença é pequena, em relação á producção de 1891, cinco annos antes, e o café caiu de 108 frs. a 58 frs. !

Não faltam exemplos ainda para provar a nulla influencia que tem tido a producção como factor natural do preço nos nossos mercados. Só se observava um simulacro de sua acção, quando vem os factos ao saber dos alto patronos deste mercado.

O anno que finda offerece elemento curioso de observação :

De Janeiro para cá nenhum phenomeno occorreu que justificasse qualquer sobresalto na expectativa da producção, entretanto :

	<i>frs.</i>
Em janeiro, café typo, cotação	38,25
» junho » » »	31,00
» julho » » »	32,00
» agosto » » »	31,50
» setembro » » »	31,00
» outubro » » »	35,25
» novembro » » »	41,75
» dezembro » » »	37,00

Que motivo operou a alta de mais de 10 frs., de setembro para novembro? .. e agora a baixa de quasi 5 frs. de novembro para dezembro?

Occorreu o perigo de diminuição de safra entre setembro e novembro? Faltou café no mercado? Dissiparam-se os receios de novembro para dezembro? Exorbitou a offerta?

Nada disso se deu.

O mercado dirigente decreta a baixa ou proclama a alta—á medida das urgencias a que leva a especulação nas transações a prazo, conforme a aragem no grande jogo, o regulador soberano..

Comprehende-se a vantagem de manter afastado o abundante celleiro, onde se vá buscar, quando preciso, a necessaria provisão, *não para o consumo, mais para as entregas*. Uma simples travessia nos vastos porões é quanto basta para transformar os cafés do Brazil em genuinos Malabar e, para não chocar demais, dá-se ao rebotalho o pomposo nome de *café Rio*, de *café Santos*.

Quanto a nós, andamos muito compenetrados de que temos mercados nossos, quando a verdade é que nas grandes praças do Rio de Janeiro e de Santos vivemos sempre a medir o bom ou máu humor com que amanhecem alguns senhores que são os dictadores do mercado—*os grandes exportadores*..

Sempre superiores em seus modos; aproveitando-se de todos os pretextos para desvalorisar a nossa mercadoria; ora, as noticias do exterior; ora, as do interior; hoje o cambio; amanha o boato de qualquer occorrença... Sempre a nossa fraqueza na resistencia!. Além de tudo, se não lhes quizermos entregar o genero pelo que lhes convém, a quem venderemos o nosso café?



Sabemos de tudo isso e levamos a perder tempo e a crear bilis em queixas por falta de capital —barato e sem exigencias—, por falta de bons representantes da lavoura, que hoje acredita, parece, ir buscar a salvação nas urnas eleitoraes.

Não é esse o caminho.

Só prospera a industria que se empenha no aperfeiçoamento de sua producção, em offerecer ao consumidor o completo conhecimento da mesma, a maior somma de commodidades na sua acquisição. Por todas os portas nos entram diariamente os prospectos das grandes usinas, os representantes de todas as manufacturas, os agentes sem conta munidos de todos os meios insinuantes de propaganda, offerecendo seus artigos por preços bem fixados, sufficientes para cobrir os gastos de producção e o lucro razoavel sem exorbitancias mas nunca a mercê do comprador, tudo dentendo a abrir novos mercados e a dilatar a clientella.

↳ São Paulo, com a maior producção de café do mundo, resigna-se a triste condição de quem recebe uma generosidade quando o exportador se digna forçar a venda de umas saccas de café, cujo preço só attende á sua exclusiva conveniencia.

Move-nos convicção inabalavel:—a crise que no momento parece tudo assoberbar, terá a benefica influencia de induzir a uma modificação radical do systema até aqui mantido no commercio do café.

*Do Estado de S. Paulo, 28 de Dezembro de 1899.*

### III

» Quanto mais se medita sobre o problema do café, problema de que emanam os mais transcendentos interesses deste paiz, mais se aprofunda a convicção de que a má situação, em que se arrasta o primeiro elemento de nossa riqueza, provém exclusivamente da organização viciosa dada ao commercio que o escôa para os grandes centros consumidores.

O systema em vigor assenta sobre o poder discricionario exercido sobre as duas praças em que se diz temos o mercado do nosso café: Santos e Rio de Janeiro.

As grandes difficuldades originadas da baixa que ultimamente soffreu o café causaram viva impressão e não ha espirito dotado de algum patriotismo que se não tenha voltado para assumpto de tanta gravidade.

Levantou-se a opinião universalmente acceita, de que o remedio efficaz para o mal está na propaganda. 7

Com grande ardor se agitam todos no empenho de fazer conhecido o café do Brazil.

Quasi diariamente se occupa a imprensa com a necessidade indeclinavel de demonstrar a excellencia do genero brasileiro.

E' preciso. de uma boa vez, saber-se que o

Brazil produz café tão bom como os mais bem reputados ;

E' indispensavel que façamos valer *por si* o que produzimos e não mais vejamos o café do Brazil vendido como oriundo de extranha procedencia ;

Fique o mundo inteiro sabendo que do Brazil sae a grande quantidade de café e nada deixa este a desejar em suas qualidades ;

Ninguém mais duvide de ser bem servido, supprindo-se de café brasileiro ; não mais se faça questão de marcas até aqui *só* acreditadas ;

Possa, emfim, o café brasileiro hastear a bandeira de sua nacionalidade ;

Ficará satisfeito o nosso amor proprio.....

Com ardor e patriotismo se empenham os promotores deste movimento. Para ampararem a symphica iniciativa do Centro da Lavoura de Café, no Rio de Janeiro, procuram alcançar favores especiaes, mediante os quaes poderão realizar uma demonstração brilhante ; poderão apresentar producto superior e attrair a attenção, offerecendo-o por preço reduzido, ou mesmo gratis.

Sente-se a satisfação com qua são recebidas communicções de que em tal, ou tal outro paiz já se faz uso de sensível proporção de café brasileiro e nada mais haverá a desejar, desde que seja bem considerada a nossa producção, desde que não mais se procure occultar o nome do café que exportamos.

Perfeitamente.

Açceitamos a boa hypothese :— Por toda a parte será o café do Brazil proclamado, graças á propaganda, igual aos melhores do mundo.

Devemos dizer francamente que não partilhámos, em absoluto, da crença nos resultados a alcançar pela simples acção da propaganda, por mais dedicado que seja o empenho dos propagandistas.

Consideramos resultados praticos, no caso vertente :

O augmento de consumo ;

O augmento de proveitos para o productor.

Exercida a acção completa da propaganda, como apontamos,—elevator-se-á o consumo ?

Melhorará a sorte commercial da nossa produção ?

Não nos parece provavel.

O resultado attingido pouco adeantarás.

Embora paradoxal pareça este modo de encarar o facto. é, entretanto. a expressão sincera do nosso modo de pensar.

A importancia da materia justifica a discussão.

Em absoluto, não se póde dizer que o café do Brazil não seja conhecido. A produção brazileira é a unica que cresce, é a maior do mundo e, sem acção de propaganda, sem sairmos dos nossos commodos, sem quasi mais precisarmos sair em demanda de Santos ou do Rio de Janeiro. .todo o café produzido e disponivel no paiz é comprado e consumido no estrangeiro.

Não nos parece provavel que o facto de saber o consumidor qual a origem real do nosso café o leve a tomar quatro chiearas por dia e não duas, como antes ; nem que por saber que o Brazil é o productor da maior parte dos bons cafés existentes nos mercados, se ponha a tomar café quem antes se abstinha deste habito salutar.

Para levarem por deante a ardua empreza,

pedem os dignos promotores favores especiaes, como : certa quantidade de café fornecido gratis, pela lavoura, isenção do imposto de exportação e fretes gratuitos aos cafés destinados para a propaganda e já vimos a noticia de que o governo do Estado do Rio ds Janeiro promptifica-se a auxiliar a iniciativa com uma pequena porcentagem do imposto do café.

Assim armados, responder-nos-iam que a propaganda conseguirá estimular o consumo, podendo offerecêr artigo bom por preço reduzido.

Dos dois elementos : *artigo bom e preço reduzido* pensamos que o unico de efficacia é o segundo.

Na Europa já se toma muito bom café. Nem é de hoje que o sabemos, por experiencia.

O que realmente entorpece a propagação do café é o alto preço porque chega o genero ás mãos do consumidor; o preço elevado do café, *desde que se converte este verdadeiramente em genero de consumo* é o grande motivo que embaraça a expansão do seu uso, o poderoso estimulante á falsificação, a principal causa da má qualidade do café geralmente vendido ás chiearas.

O que de realmente efficaz faria a propaganda seria offerecer ao publico o artigo a preço reduzido. Ora, para isso, faz-se necessario recorrer a favores, de que se premune o movimento propagandista, o que não póde constituir um estado permanente.

O processo levaria a estabelecer dois preços para o café : o da propaganda e o ordinario—extra-muros—.

Como o commercio em sua generalidade não poderia acompanhar o preço do café favorecido, é

natural que o publico affluisse para os armazens da nossa *véclame*.

Estes não poderiam satisfazer a todos: para tanto, fôra preciso obter da lavoura o producto gratuitamente, isentar do imposto de exportação e dos fretes em geral todo o nosso café. Seria comprar caro de mais os beneficios da propaganda.

A differença de preços poderia até provocar um retrahimento no mercado para a grande massa do café não favorecido.

Não abstante tudo, demos que faria a propaganda a sua obra por modo o mais completo.

Ninguém mais desconheceria o café do Brazil e seria unanime a opinião sobre a sua excellencia.

Desde então, cessaria a razão para prolongar o regimen da excepção com cafés gratis, estradas de ferro ás ordens, isenção de taxas de exportação, favores directos etc. etc.

Entraria o café na situação de plena egualdade, sabendo todos que a grande maioria dos depositos do mundo é formada pelos cafés do Brazil.

As exigencias do commercio, porém, forçarão os preços de venda em Santos e no Rio, por cotações, como até aqui, inferiores, em geral, ao que deseja a lavoura.

As exigencias do commercio levarão a manter na venda em retalho preços que se medirão pelos de hoje, pelos de sempre.

Além de tudo,—foi justamente o que se deu, após os ingentes esforços do Centro da Lavoura para propagar o café brasileiro na Europa, movimento originado da grande crise de 1882 e 1883.

Grandes eram então as esperanças nos effeitos da propaganda, a maior garantia offereciam seus



promotores e executores. Os resultados colhidos, após o grande esforço e a preço de não pequenos sacrificios, não corresponderam á expectativa.

Muito receiamos a reproducção do insuccesso ; de nada terá servido a dura lição.

Longe de nós negar o grande alcance de uma propaganda methodica e persistente ; mas a propaganda exige um *systema* para produzir todos os seus effeitos ; sem este, não raro, chega a tocar no ridiculo. ¶

No fervor do movimento, quando se firme a convicção no espirito publico de que o café brasileiro offerece todas as condições desejaveis ; quando, talvez, seja mesmo considerado superior a muitos outros de reputação feita ; quando se voltar para o nosso producto a *sympathia* geral e se pedir ao centro propagandista partidas mais ou menos consideraveis do café... Qual será a resposta a dar ?

Ide buscar nos nossos grandes mercados, em Santos e no Rio de Janeiro.

Não é difficil penetrar até onde vae o alcance de uma tal solução.

O problema que estudamos é revestido de tanta magnitude para os interesses superiores deste paiz, que não comporta um passo em falso para o resolver.

A propaganda, por si só, tal qual se projecta, poderá deixar como unico vestigio de sua passagem ;—o sacrificio inutil de sommas avultadas.

Voltará o mecanismo hoje organizado á série regular de suas evoluções.

A fragil intervenção será impotente para alterar o funcionamento dos grandes orgams que regem a triste dependencia dos dois bem sortidos ar-

mazens dos mercados estrangeiros, Santos e Rio.

Impõe-se o dever de fazer alguma coisa.

S. Paulo, como o maior interessado, não póde conservar-se indifferente, nem tão pouco concorrer sem meditada ponderação para a obra a realisar.

E' preciso ir direito ao alvo ; empenhar esforços que sejam todos componentes da grande resultante—a prosperidade desta terra—a justa remuneração do trabalho e o bem estar de seus filhos.

Do *Estado de S. Paulo*, 3 de Janeiro de 1900.

#### IV

Em toda a organização social, bem ou mal engendrada, mantida a contento geral ou só satisfazendo as aspirações de uma parte da comunhão, crea-se sempre certa ordem de interesses naturaes e legitimos, ou artificiaes que sejam e a acção do tempo, não raro, ahi consolida um estado de coisas sem base justificavel, custando, embóra, pesados e constantes sacrificios a que vão todos se submettendo, uns por incapacidade, outros por conveniencia, a maxima parte por indolencia, obedecendo a lei da inercia, deixando-se levar pela velocidade adquirida.

O phenomeno verifica-se em todas as relações humanas.

Uma vez conhecidos os inconvenientes e os males dahi resultantes, pareceria simples promover e realisar as modificações no que de máu apresenta o systema ; não o é, porém.

A tarefa é penosa, constituindo-se em poderosa resistencia a qualquer transformação, justamente os que mais soffrem no viciado regimen ; dir-se-ia consorciados aos que deste tiram proveito para se opporem a qualquer tentativa de reforma nas praticas de que são victimas.

Vêm-nos ao espirito estas considerações trazidas por não poucas censuras em que incorremos,

por exemplo, de procurarmos prejudicar a lavoura, lançando idéas contra os seus mais vitaes interesses, no tocante ao capital de que carece para se salvar, no tocante ainda á sua organização em partido, aspirando exercer sua influencia na governação do paiz, ideal que a movimenta em todos os centros agricolas.

Modos de ver.

Afagamos a esperança de que não será unanime o desagrado por alguns já manifestado e, sem a menor sombra de uma vaidade, estamos bem certos de que, não pelo poder convincente de nossa voz, mas pela força irresistivel da verdade que, embóra tarde, acaba sempre por triumphar: — a industria do café não está longe de passar por uma grande e salutar metamorphose, devida á transformação radical que infallivelmente se deve operar no commercio de sua producção. Desde então, e uma vez bem encaminhado o movimento, a realidade dos factos mostrará que não nos falta razão quando preferimos ver a lavoura se enriquecer pela expansão do consumo do café, pelo maior proveito auferido de seu labor: — o augmento do consumo estimulado pela diminuição do preço do café que vai ás mãos do consumidor; — a melhoria no preço pago ao productor, pela eliminação de gastos inuteis, consequentes de um organismo commercial defeituoso.

Desde então ver-se-á que é preferivel abrir a grande porta da prosperidade futura, pela organização de um systema racional, á fugaz phosphorescencia no abrir um titulo de divida nos livros de qualquer banco, divida de que poucos logram se isentar, uma vez contrahida.

Aproveite a grande classe da lavoura a vitalidade de que está dando prova, desenvolvendo o espirito de associação e, em vez de applicar suas forças em pleitos politicos, empregue a energia collectiva numa agremiação, cujo poder vencerá os verdadeiros obstaculos que se oppõem á sua prosperidade.

Passado como está o periodo eleitoral, volvam os Clubs da Lavoura a se occupar com o momentoso problema, de cuja resolução depende directamente a sua sorte e com esta, a sorte do Estado de S. Paulo.

Não se diga que um sentimento de mal entendido bairrismo nos leva a pugnar tão directamente por S. Paulo.

O objectivo que nos move é o café e neste genero tem S. Paulo a sua primeira garantia de vitalidade. Sendo S. Paulo o maior productor de café de todo o mundo, a nenhuma circunscricção tanto interessa o problema.

Trabalhar pelo bem da lavoura paulista é empenhar-se pela sortá geral do Brazil.

Aproveite a lavoura a organização em corpo collectivo com disposição de agir. Convença-se do grande papel que tem S. Paulo o direito de representar no commercio do café do mundo inteiro, da preponderancia que lhe cabe de facto e empenhe-se por todos os meios para influir como força principal nos destinos do genero de sua producção; esforce-se por vencer a passividade de nossa attitude—reveladora de incapacidade para tractarmos do primordial dos nossos interesses. Saiba tirar proveito do excepcional ensejo que se lhe depara no momento presente, em que a questão das tari-

fas reciprocas agita em nosso favor o espirito dos grandes centros dirigentes da industria e do commercio estrangeiros, fazendo vibrar em beneficio dos nossos interesses a voz dos homens da maior mentalidade nos paizes consumidores do café.

Não se limite a tudo esperar dos effeitos commerciaes de uma simples propaganda, nem tão pouco descance na propaganda que se diz, melhor do que ninguem, faz o commercio. A propaganda ideal como temos tentado e parece quereremos reproduzir, a nada conduz para o nosso commercio. O commercio, por si, não tem o intuito natural de propagar um producto, mas sim tirar desse producto o maior proveito.

A experiencia está feita, se experiencia fôsse preciso para demonstrar coisa tão evidente.

A propaganda já tentada a nada levou de pratico.

O commercio, por si, como elemento de propaganda tem-nos dado resultados nullos.

Não seria difficil citar casos em que o commercio exercido por brasileiro, com café brasileiro, mediante a leve probabilidade de uma vantagem a auferir, occulta a procedencia do artigo para dar-lhe um nome qualquer.

E' o que tem feito o commercio, é o que ainda hoje faz.

Nada adiantaremos emquanto não levarmos aos grandes centros de consumo o nosso commercio com a propaganda hoje indispensavel a todo o desenvolvimento commercial.

E é indispensavel que S. Paulo faça alguma coisa nesse sentido.

Nem se pôde comprehender como se tenha S.

Paulo deixado dominar por uma apathia que deve causar espanto aos mesmos que disto tiram proveito.

O quadro que organisamos e aqui se vê, encerra, em sua simplicidade, um grande ensinamento. Vejamos :

ANNO	COTAÇÕES		PRODUCCÃO	
	Santos e Rio de Janeiro	Malabar	Brazileira	Do mundo inteiro
	Frs.	Frs.	s/c	s/c
1861	67 a 77	81 a 86		
1870	56 » 72	70 » 85		
1874	95 » 148	110 » 154	3.843.600	8.139.000
1880	74 » 94	102 » 106	5.553.000	9.758.000
1883	41 » 67	72 » 86	7.711.000	11.080.000
1887	77 » 124	90 » 128	6.129.000	10.312.000
1893	83 » 105	113 » 123	6.193.000	11.283.000
1897	34 » 65	100 » 116	8.680.000	12.608.000

Nos primeiros annos aqui assignalados, em que a produccão brazileira era de pouca monta, as cotações dão uma pequena primazia aos cafés estrangeiros ; é isso natural : artigo mais conhecido e provavelmente superior, pelo melhor preparo ; atrazada então era a nossa industria agricola e deficientissimos os meios de transportes, o que concorria certamente para deteriorar o genero em caminho.

Em 1874, quando a produção brasileira era ainda inferior a 50,° da total, vemos que os nossos cafés só soffriam uma depreciação, variando de 5 a 6 francos em sacca.

A differença contra o café brasileiro começa a se accentuar de mais a mais á medida do crescimento da nossa produção e vemos que em 1897, quando exportamos proximamente 70,° do café total, foi o nosso genero cotado numa média de 58 frs. e 59, abaixo dos similares estrangeiros !

Ora, hoje ninguém nega que o Brazil produza cafés perfeitamente comparaveis aos melhores, concorrendo para isto o aperfeiçoamento introduzido geralmente no preparo, os excellentes meios de transporte, etc., etc.

O que explica, pois, o despreso com que é tratado o producto de nossa industria ?

A causa que se nos ostenta clara, a não ser preciso procurar outra mais, é a necessidade que tem o commercio de justificar o alto preço por que chega o artigo ás mãos do consumidor.

Embora se saiba que os cafés bem reputados começam a rarear e longe estão de poder satisfazer á procura, não ha quem não leve para casa seu kilo de genuino café de Ceylão, de Java, etc., etc.

Não obstante saber-se que o Brazil é o maior productor de café, e de café comparavel aos melhores conhecidos, desaparece este nos mercados, só se dá o nome de brasileiro ao rebotalho do café do mundo inteiro. f

Eis a sorte que tem o producto da nossa grande industria.

E' inacreditavel que com tanto desprendimento



deixemos em completo abandono o principal esteio da nossa fortuna.

Causa pasmo o que mostram os algarismos.

Nas cotações que acima vimos figura o typo—*good-average* de Santos e a *primeira ordinaria* do Rio. Temos cafés muito superiores como também inferiores.

Digamos que só 50% da nossa produção attinge a este typo—*hypothese* exaggerada contra nós —e pois só metade da nossa produção soffre o ultrage de uma redução tão inexplicavel—de 58,50 francos em 50 kilos, a outra metade valerá rigorosamente o que lhe querem pagar.

A depreciação de 58,50 frs. em 50 kilos, corresponde a 1.17 frs. por kilo ;

Em 180.000.000 de kilos, ou 3.000.000 de saccas representa a colossal somma de 210.600.000 frs. que, ao cambio de 1\$200 por franco, leva-nos á respeitavel cifra de 252.720:000\$000 ! que foram pagos pelo consumidor e nem por uma parcella chegou ás mãos do lavrador !

Nessa annullação perdeu o Estado em sua receita mais de 27.000:000\$000 !

Para esta situação deve o Estado de S. Paulo voltar a sua solícita attenção, para ahi deve convergir todo o empenho da grande e respeitavel classe da lavoura. Trate esta da sorte do producto do seu trabalho, não dizemos já para promover altas nos mercados, mas para amparar o café contra o seu despreço nos mercados dirigentes. Lembrem-se os interessados de que cada franco em sacca de 50 kilos poupado na baixa média de uma safra representa logo um ganho de 7.200.000 francos, ou ao cambio de hoje: 9.900:000\$000.

Este será o movimento salvador.

E' indispensavel fazer alguma coisa no sentido de dar ao nosso café o seu valor. Não o conseguiremos conservando o regimen em que nos mantém os grandes magnates deste commercio; o *valor*, que é sempre uma relação, nos nossos mercados de café converte-se na dureza de um *ukase*; o *valor*, que normal e geralmente é a relação entre uma utilidade e uma necessidade, nos nossos mercados de café é a expressão de uma força omnipotente sobre a incapacidade de uma resistencia.

Não temos o menor intuito de visar individualidades. No ligeiro estudo que fazemos, preocupamos a organização geral, o systema vigente, que consideramos funestos.

Se nesta situação, preferirem os prejudicados a estabilidade do regimen, não temos duvida de que, continuando a explorar fonte tão abundante de proventos, em sua consciencia dirão os favorecidos pela nossa inactividade—que a razão se acha comnosco.

Do *Estado de S. Paulo*, 9 de Janeiro de 1900.

## V

Deu a imprensa toda a noticia da grande reunião do *Centro dos Lavradores*, a 15 do corrente, em Campinas.

Esse auspicioso acontecimento justificava o vivo interesse da sua expectativa.

A reunião da selecta sociedade fazia-se annunciar como devendo ter excepcional importancia: iam-se discutir assumptos da maior relevancia para os grandes interesses da classe; medidas do maior alcance deveriam ser tomadas para conduzir a lavoura paulista pela estrada larga da prosperidade.

Tanto bastava para despertar em todos a viva anciedade que sempre precede os grandes acontecimentos.

Terminada a refrega eleitoral em que se empenhou a lavoura, natural era volvesse a se occupar dos meios praticos de que necessita para se desenvolver e libertar-se do perenne sobresalto em que vive, entregue a sua sorte aos azares da fortuna vária dos grandes magnates do mercado do café.

Realizou-se a esperada assembléa que pôde ser dividida em duas sessões: uma secreta e uma publica.

A imprensa foi escassa em pormenores, quanto ao que se passou na sessão publica. Pelo que se

lê, parece que foi dedicada inteiramente á apresentação e approvação de um projecto de reforma de estatutos, cujas linhas principaes são:—Mudança de séde do *Centro*; reducção do numero de directores; ampliação do programma politico e economico, que pugnará pela autonomia municipal em todas as suas manifestações e pelo proteccionismo agricola e industrial, fórte elemento de apoio para a restauração economica e financeira do paiz.

Esperámos por mais detalhes; nada mais veiu a publico. Força é contentar-se com o mingoado resumo fornecido pelos principaes orgams de nossa imprensa local.

Procurando extrair da condensada noticia quanto ahi houvesse em essencia, chegamos a concluir que a distincta associação só se occupou dos interesses da lavoura—na sessão secreta—; ahi foram, por certo, discutidos os grandes problemas e tomadas as sábias deliberações que conduzirão aos ideaes da classe.

A sessão publica foi, sem duvida, uma diversão recreativa para repouso dos espiritos fatigados por assumptos graves que preencheram a sessão secreta. Foi um entretenimento ligado á escaramuça eleitoral em que se mediram forças, em que cada qual porfiou pela victoria da propria musculatura...

Em breve irão ao Rio de Janeiro enriquecer os debates da verificação de poderes, na Camara dos Deputados, os candidatos da lavoura e os que são contra a lavoura; ahi quebrarão lanças os indicados pela Commissão Central e os que levam mandato imperativo.

Em quanto isso, installa-se o centro aqui na capital, talvez em frente á Commissão Central. Ahi

se occupará da escolha de candidatos que se empenhem pela autonomia municipal em todas as suas manifestações etc., etc.

Teremos a Commissão Central e a Commissão do Centro. . .

E' absolutamente certo que a sessão secreta foi densa em medidas de ordem pratica e fecundas em beneficios para a lavoura, representada por tão illustres delegados.

Por outra fôrma, não nos animaria a convicção de que a lavoura de S. Paulo permanecesse por muito tempo na crença de que o *Centro* representa as suas aspirações reaes. Não tardaria muito e se acharia convencida de que os representantes desta terra não faziam menos do que os candidatos do Centro, tiraria a prova de que estes nada mais farão do que aquelles.

Esta questão de interesses da lavoura do café tem a maior transcendencia para S. Paulo e é de se lamentar que andemos a tactear, a perder annos e annos em tentativas vacillantes, sempre com passo incerto e, o que peor é, reduzindo muitas vezes o grande problema a méro pretexto para fins completamente extranhos, deixando, não raro, na maior indifferença trabalhos substanciaes, cheios de ensinamento fecundo.

Não erraremos, talvez, affirmando que rarissimos dos membros do Centro dos Lavradores terão lido o relatorio firmado pelo nunca assás lembrado dr. Louis Couty, sobre o café do Brazil na Europa. Já tivemos occasião de citar o trabalho da commissão dirigida por esse sabio illustre e grande amigo do Brazil.

Ahi se vê que já em 1878 e 1879 o Club da

Lavoura de Campinas tentára a venda de seus cafés no Havre—directamente. Não tardou muito e conquistára o artigo a estima do mercado que sem mais exigencia do que a da amostra e da marca do Club, ahí procurava seus supprimentos, pagando 10 o/o mais do que por qualidades analogas de Santos.

A tentativa foi, infelizmente, pouco persistente. Não se viu ahí uma vereda clara a seguir?

Buscando descobrir as causas que embaraçavam a valorisação do nosso café, e ante as difficuldades reaes de pôr o productor em communição directa com o consumidor, procurando vêr si seria ao menos possivel approximar o commissario do commerciante de meias partidas, trabalho este que com o mais vivo interesse acompanhamos, o dr. Goffredo Taunay e nós, ouvimos sempre a resposta :

« O cambio no Brazil é muito variavel e não  
« queremos correr os riscos que dahi resultam ; a  
« compra tão longe nos obrigaria a accumular  
« *stoks* e, consequentemente, a immobilisar sommas  
« avultadas num aprovisionamento de muitos me-  
« zes, do qual seria necessario pagar os direitos.

« Fornecendo-nos anticipadamente, não poderiamos, aliás, nos aproveitar das variações que  
« por vezes se dão e, sendo os nossos preços sempre médios, soffreríamos perdas por causa dos  
« nossos *stoks*, no caso de sobrevir uma baixa  
« brusca. Demais, não nos seria facil, pelas irregularidade das vendas, certificarmo-nos exactamente  
« das qualidades de que carecemos e, se uma *marca*  
« tivesse sahida muito mais rapida, seriamos forçados a suspender a venda, pela distancia do  
« mercado productor, no momento preciso em que

« mais rende, ao passo que em França, á medida  
« que se vai exgottando um *typo*, é nos facil sub-  
« stituil-o por outro mais ou menos analogo. Em-  
« fim, nas relações commerciaes já estabelecidas  
« achamos condições de pagamento, prazos ou ne-  
« gociações de banco, menos custosas do que nas  
« relações internacionaes. .» (1)

Não está ahi clara a necessidade indeclinavel da transformação no systema do nosso commercio de café ?

Quão fecunda não seria a acção do Centro dos Lavradores si deixasse de se occupar de automias municipaes, etc., e voltasse a sua actividade para estes pontos cardeaes do problema que mais interessa á vida do Estado de S. Paulo!...

Approveitasse o feliz ensejo trazido pela discussão de tarifas internacionaes que sobre nós tem atrahido a attenção dos paizes consumidores, para operar um movimenfo cheio de promessas para o nosso futuro.

Não que acreditemos na efficacia da redução nos impostos de entrada do café nos mercados estrangeiros ; tal bonificação ficará deluida nas mãos intermediarias ; nada aproveitará ao productor nem ao consumidor ; por seu effeito nada ganhará a sorte da lavoura ; de modo algum estimulará, por si, o augmento do consumo.

A grande massa consumidora é a dos que compram café aos 1/2 kilos, ás onças (30 grammas,) é a classe operaria, a que mais aproveita com o uso

---

(1) Relatorio apresentado ao conselheiro José Antonio Saraiva, pelo dr. Luiz Couty, L. G. de Escragnolle Tannay e A. C. da Silva Telles.—1892, pag. 20.

do café, a que fórma a grande superficie absorvente da nossa producção.

Ora, o café é hoje vendido, no retalho, em França, por exemplo, de 4, 5 a 6 francos o kilo; a redução no imposto de entrada, de 156 para 100 francos por 100 kilos reduz-se a uma differença de 56 centimos em kilo, de 28 centimos em 1/2 kilo, de 1,68 em onça. Tal differença nem chegará ao vendedor a retalho, e quando ahi fosse ter, certo é que não seria dada ao cousumidor. Além de tudo já vimos que a differença de preço do café brasileiro e de outras procedencias, embora comparaveis, sóbe por vezes a 58,50 frs. em 50 kilos e nem por isso apercebeu o consumidor qualquer beneficio.

A discussão das tarifas é um ensejo que será criminoso, talvez, deixar passar sem darmos um signal da nossa existencia como principal productor do genero.

Deixaremos passar o momento propicio, será ou não adoptada a tarifa reduzida, ou mesmo será aggravado ainda o imposto de entrada e o café continuará a ser o que é :—artigo de jogo antes de ser genero de primeira necessidade— e nessa transmutação representa o Estado de S. Paulo o mais rico rebanho, que por sua indolencia se deixa tosquiari.

Corremos agora um perigo real :—a inesperada alta de café.—Não faltará quem já se ache convencido de que os preços irão por ahi além, sem mais haver necessidade de pensar em semelhante assumpto. O confiante optimismo poderá trazer a inacção e preparará, certo, dolorosa decepção na primeira depressão das cotações, quando fôr decretada uma baixa. Virá esta tão inexplicavel como agora sobreveio a surprehendente alta.

A experiencia já deve ter mostrado quão pre-



caria é a condição em que se acha o nosso café, sujeito ás alternativas de preços que só obedecem ao mando dos altos patronos. Não é mais razoavel a illusão com altas accidentaes, que aliás, pouco ou nada têm aproveitado. Os excessos na alta acarretam infallivelmente maiores excessos na baixa. Esses grandes sobresaltos não são compatíveis com a constancia que de ordinario rege os phenomenos da producção.

As grandes oscillações dos mercados são o maior dos males que affligem a lavoura. Improficua será a obra de todos os centros de lavoura, de todos os institutos de credito mais ou menos real. O vicio está no mecanismo do commercio do nosso café; não se comprehende mercado em que o comprador é o unico soberano e regulador do preço: a si o direito indiscutível de dizer: *nem um real a mais*, quando o vendedor se vê na deprimente impossibilidade de dizer —*nem um real a menos*— e sempre forçado a ceder...

O caminho a seguir está claramente indicado, abrindo nossos mercados nos paizes consumidores, ahí offerendo o genero a preços que poderão ser muito inferiores aos actuaes e, graças ao systema adoptado, aproveitando sensivelmente ao consumidor e remunerando com mais vantagem ao productor. Assim poderemos ser os reguladores do preço de modo a estimular o consumo e dar incremento á nossa producção por uma remuneração seductora e constante; só assim deixará o café de ser principalmente um elemento para aventuras de azar.

E' natural que systema tão arraigado pese com a influencia de sua tradição para embarçar uma transformação, por mais salutar que seja. As opiniões dos proprios interessados nem sempre se acham

de accordo, quanto aos meios de realização da medida a adoptar; as divergencias constituem por si obstaculo sério para chegar ao fim, são causa de delongas a não mais acabar, levam a tentativas desordenadas e de ordinario debeis para vencer as grandes resistencias que naturalmente se organizam.

A unidade de vistas e de acção é base indispensavel para o exito almejado.

---

Ahi está o logar em que se deve collocar a administração superior, que deseje sinceramente prestar o mais assignalado serviço a esta terra. Tomando a si a direcção superior do movimento, poderá guial-o em suas linhas geraes, poderá, sem intervir directamente na gestão, o que seria um erro, prestar o apoio do seu prestigio e mesmo algum auxilio razoavel e moderado para amparar obra que directamente interessa a riqueza publica.

Não afagamos a pretensão de acreditar que estas considerações tenham o poder de levar a effeito o salutar movimento.

Satisfaz-nos a consciencia de cumprir um dever.

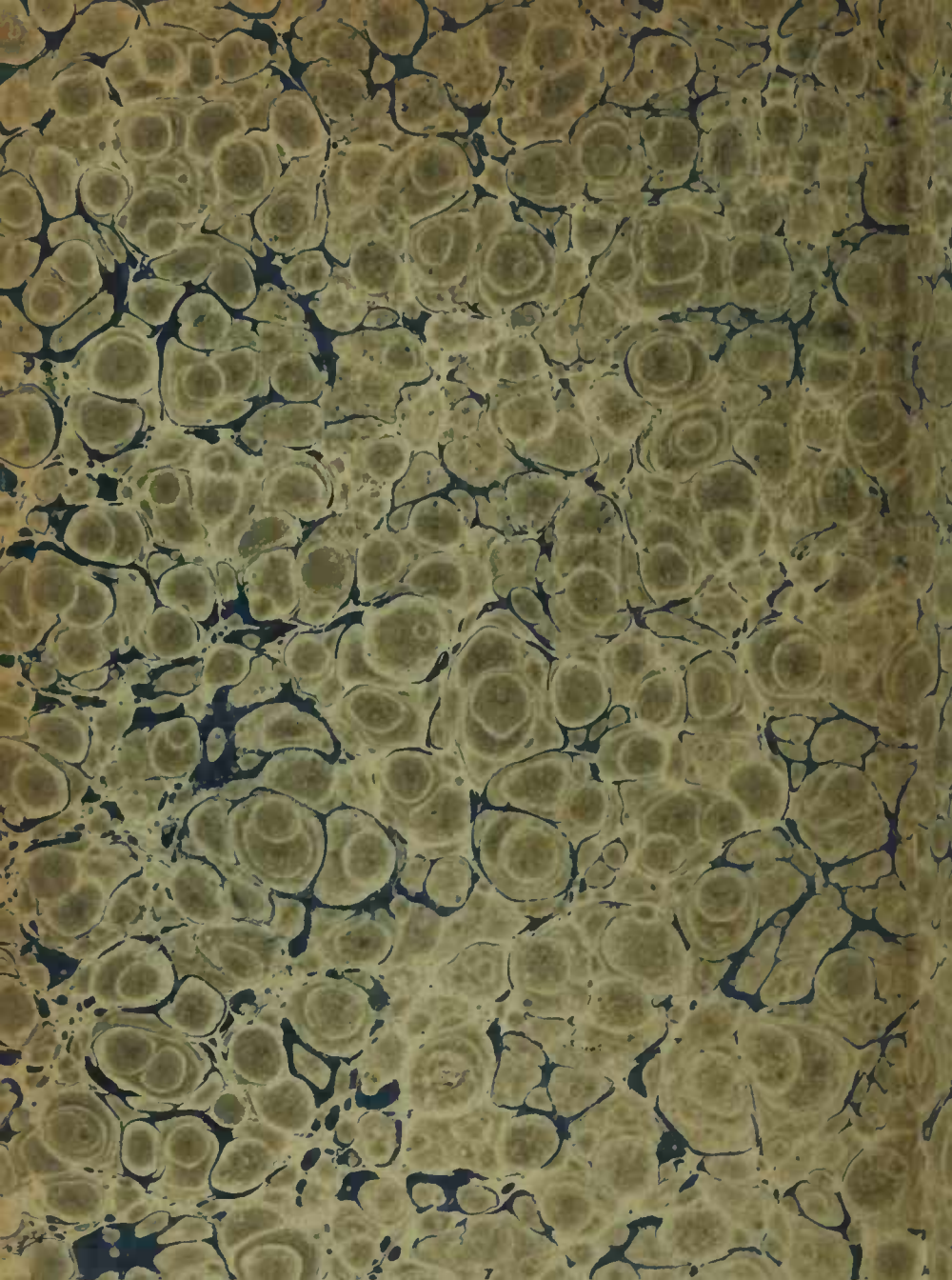
Anima-nos a convicção de que por uma fórmula ou por outra, em futuro mais ou menos remoto, a transformação do commercio do café ha de ser uma realidade.

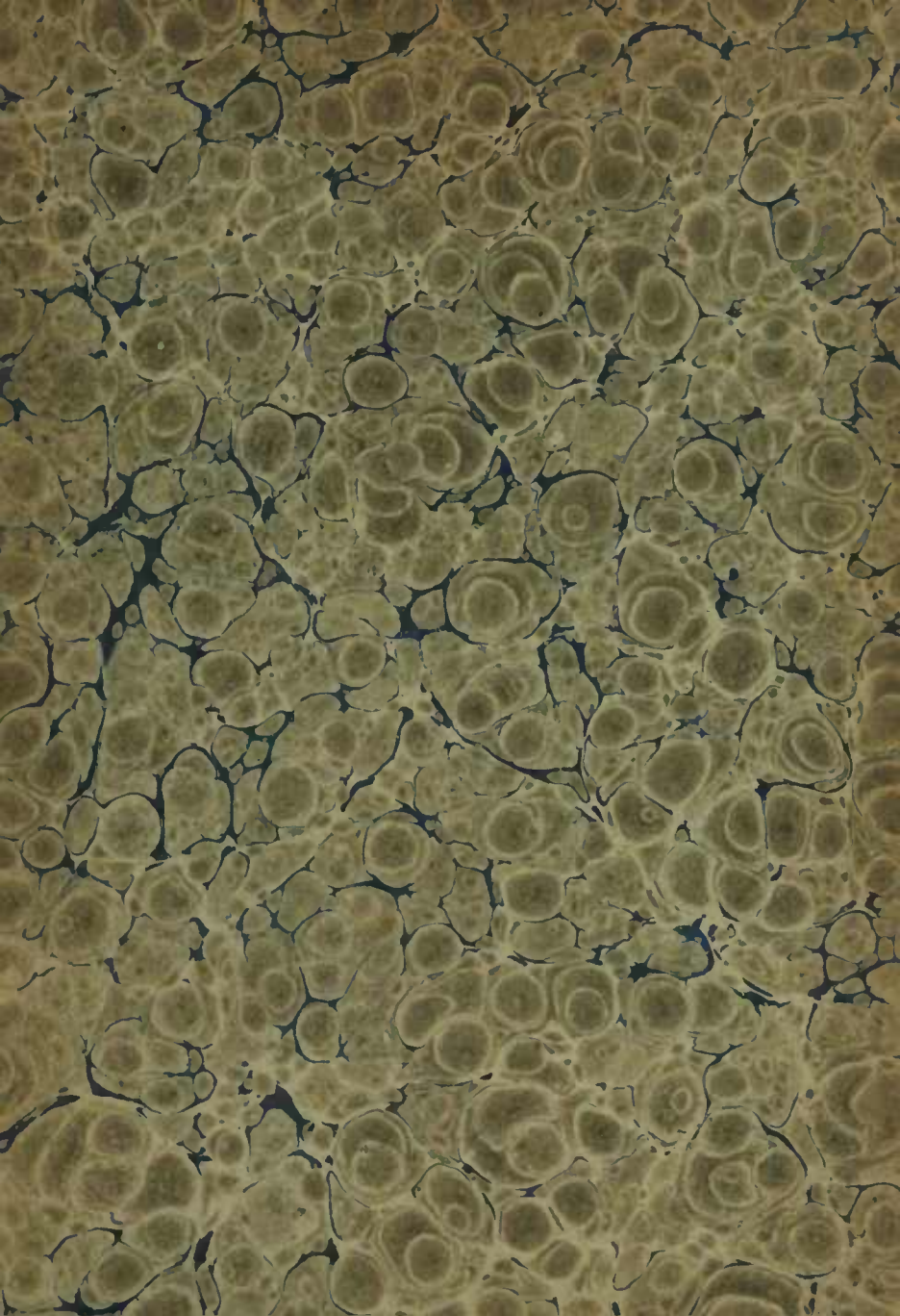
Será, talvez, este estudo uma das pequenas pedras que entrarão na construcção do templo da grandeza a que está fadado o Estado de S. Paulo.

Do *Estado de S. Paulo*, 28 de Janeiro de 1900.

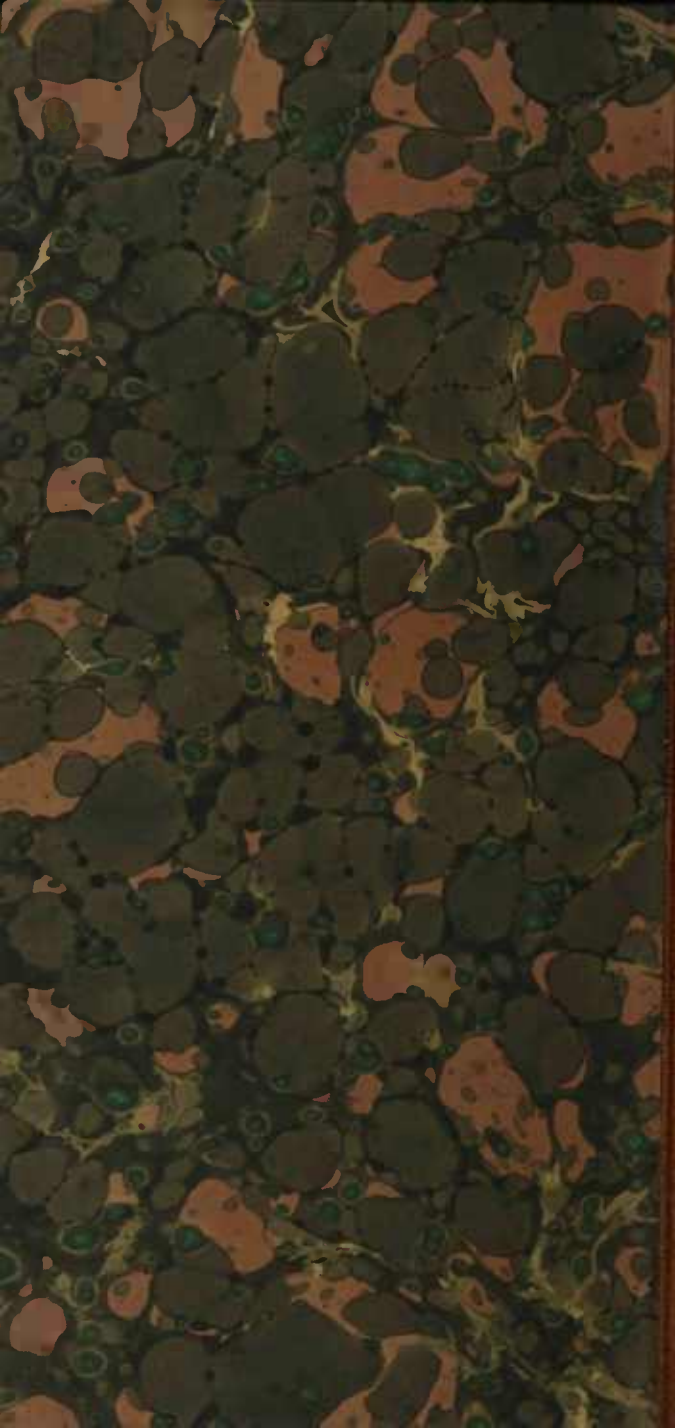
---











## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).